

ELLE KENNEDY

AUTORA BESTSELLER DO NEW YORK TIMES

A

SÉRIE  
OFF-CAMPUS

META

TOP  
SEL  
LER

NO JOGO DO AMOR, NINGUÉM  
CONSEGUE VENCER SOZINHO.

# 1

## Sabrina

### *Outubro*

— Merda. Merda. Merda. Meeerrrda. Onde estão as minhas chaves?

O relógio afixado no corredor estreito indica-me que tenho cinquenta e dois minutos para fazer uma viagem que demora sessenta e oito minutos, se quiser chegar a tempo à festa.

Vasculho novamente na mala, mas as chaves não estão lá. Dirijo-me a vários locais. Armário? Não. Casa de banho? Ainda agora lá estive. Cozinha? Talvez...

Estou prestes a dar meia-volta quando ouço um som metálico atrás de mim.

— Estás à procura disto?

O desprezo aloja-se na minha garganta quando me viro e entro numa sala de estar tão pequena que as cinco peças de mobília antiquada — duas mesas, um sofá, uma poltrona e uma cadeira — estão coladas umas às outras como se fossem sardinhas em lata. O pedaço de carne que está sentado no sofá agita as minhas chaves no ar. Ao ver o meu suspiro de irritação, ele sorri e coloca-as debaixo do rabo coberto pelas calças de fato de treino.

— Vem buscá-las.

Passo uma mão pelo cabelo alisado com o ferro, frustrada, e depois aproximo-me do meu padrasto.

— Dá-me as chaves — exijo.

Por sua vez, o Ray fita-me com lascívia.

— Bolas, estás sexy esta noite. Tornaste-te uma miúda mesmo gira, Rina. Tu e eu devíamos enrolar-nos.

Ignoro a mão que ele está a levar à braguilha. Nunca conheci um homem tão desesperado por tocar no seu material. Ele faz com que o Homer Simpson pareça um cavalheiro.

— Tu e eu não existimos um para o outro. Por isso, não olhes para mim e não me chames Rina. — O Ray é a única pessoa que me chama assim e eu odeio. — Agora dá-me as chaves.

— Já te disse para as vires buscar.

Com os dentes cerrados, enfio a mão debaixo do rabo dele e procuro as chaves. O Ray geme e contorce-se como o merdoso que é até a minha mão tocar no metal.

Pego nas chaves e volto para junto da porta.

— Qual é o problema? — pergunta ele em jeito de troça. — Não temos laços de sangue.

Detenho-me e gasto trinta segundos do meu tempo precioso a olhar para ele, incrédula.

— És meu padrasto. Casaste-te com a minha mãe. E — engulo um pedaço de bÍlis — andas a dormir com a minha avó. Por isso, não é por não termos laços de sangue. É por seres o ser humano mais nojento do planeta e por achar que devias estar na prisão.

Os seus olhos cor de avelã obscurecem-se.

— Vê se tens tento na língua, minha menina, ou um dia destes ainda chegas a casa e tens as portas trancadas.

Que se lixe.

— Eu pago um terço da renda desta casa — relembro-lhe.

— Então se calhar vais começar a pagar mais.

Ele vira-se para a televisão, e eu passo mais trinta segundos valiosos a fantasiar que estou a dar-lhe com a minha mala na cabeça. Tempo bem passado.

Na cozinha, a minha avó está sentada à mesa a fumar um cigarro e a ler a *People*.

— Viste isto? — pergunta ela. — A Kim K está novamente nua.

— Que bom para ela. — Pego no casaco que está pendurado nas costas da cadeira e encaminho-me para a porta da cozinha.

Descobri que é mais seguro sair de casa pelas traseiras. Costuma haver mândios sentados nos alpendres das casas estreitas da nossa rua, nesta zona pouco recomendável de Southie. Além disso, a nossa garagem fica nas traseiras da casa.

— Ouvi dizer que a Rachel Berkovich está grávida — comenta a minha avó. — Ela devia ter abortado, mas pelos vistos é contra a religião dela.

Cerro novamente os dentes e viro-me para a minha avó. Como de costume, ela está a usar um roupão velho e uns chinelos de quarto cor-de-rosa, mas o cabelo pintado de loiro está penteado na perfeição e está completamente maquilhada, apesar de raramente sair.

— Ela é judia, avó. Acho que não é contra a sua religião, mas, mesmo que fosse, continua a ser uma escolha dela.

— Provavelmente anda à caça de mais cupões para receber alimentos — conclui a minha avó, soprando um fio comprido de fumo na minha direção. Merda. Espero não cheirar a cinzeiro quando chegar a Hastings.

— Acho que não é por isso que a Rachel vai ficar com o bebé. — Com uma mão na porta, remexo-me e fico à espera de que surja a oportunidade de me despedir da minha avó.

— A tua mãe ponderou abortar quando estava grávida de ti.

Pronto.

— Já chega — murmuro. — Vou para Hastings. Volto à noite.

Ela levanta a cabeça da revista e semicerra os olhos, enquanto contempla a minha saia de malha preta, a minha camisola preta de manga curta com um decote redondo e os saltos de sete centímetros. Consigo ver as palavras a formarem-se na sua cabeça antes de lhe saírem da boca.

— Estás toda janota. Vais para a tua faculdade finória? Tens aulas a um sábado à noite?

— Vou a um cocktail — respondo com relutância.

— Oh, vai dar tudo ao mesmo. Espero que não fiques com as mãos inchadas de tanta graxa que vais dar.

— Obrigada, avó. — Abro a porta das traseiras e obrigo-me a acrescentar um «Adoro-te».

— Também te adoro, minha querida.

Ela adora-me mesmo, mas, às vezes, esse amor é tão disfuncional que nem sei se me está a ajudar ou a prejudicar.

Não consigo fazer a viagem até Hastings em cinquenta e dois minutos, nem sequer em sessenta e oito minutos. Demoro uma hora e meia, porque as estradas estão péssimas. E depois demoro mais cinco minutos a encontrar um lugar de estacionamento e, quando chego a casa da professora Gibson, estou mais tensa do que um fio de piano... e a sentir-me igualmente frágil.

— Olá, Sr. Gibson. Peço muita desculpa pelo atraso — digo ao homem de óculos que está junto à porta.

O marido da professora Gibson lança-me um sorriso contido.

— Não te preocupes, Sabrina. O tempo está péssimo. Deixa-me pegar no teu casaco. — Ele levanta uma mão e aguarda pacientemente enquanto eu dispo o casaco de lã.

A professora Gibson chega quando o marido está a pendurar o meu casaco barato no meio das peças de roupa caras que estão no bengaleiro. Parece tão destoadado quanto eu. Afasto os sentimentos de desenquadramento e esboço um sorriso radiante.

— Sabrina! — exclama a professora Gibson, alegremente. A sua presença imponente chama-me a atenção. — Ainda bem que chegaste inteira. Já está a nevar?

— Não, só a chover.

Ela sorri e pega-me no braço.

— Pior ainda. Espero que não estejas a planear voltar para a cidade esta noite. As estradas vão estar cobertas de gelo.

Uma vez que tenho de trabalhar de manhã, tenciono fazer esse caminho independentemente das condições da estrada, mas não quero que a professora fique preocupada, por isso esboço um sorriso tranquilizador.

— Eu fico bem. Ela ainda cá está?

A professora aperta-me o antebraço.

— Está e mal pode esperar por te conhecer.

Fantástico. Respiro fundo pela primeira vez desde que cheguei aqui e deixo que me conduza pela sala em direção a uma mulher baixinha de cabelo grisalho, vestida com um *blazer* de cor pastel e umas calças pretas. O conjunto é insípido, mas os diamantes que lhe brilham nas orelhas são maiores do que o meu polegar. Além disso, ela parece demasiado afável para uma professora de Direito. Sempre imaginei os professores de Direito como criaturas sisudas e rígidas. Como eu.

— Amelia, deixa-me apresentar-te a Sabrina James. É a aluna de quem te tenho falado. É a melhor da turma dela, tem dois empregos e, mesmo assim, conseguiu um 18 nos exames de admissão. — A professora Gibson vira-se para mim. — Sabrina, Amelia Fromm, professora extraordinária.

— Prazer em conhecê-la — digo eu, estendendo a mão e pedindo a Deus que esteja seca e não húmida. Antes deste encontro, estive uma hora a praticar apertos de mão comigo própria.

A Amelia dá-me um aperto de mão leve e depois afasta-se.

— Mãe italiana, avô judeu, daí a estranha combinação de nomes. James é escocês... É daí que vem a sua família? — Os olhos dela percorrem-me, e eu resisto à vontade que sinto de remexer impacientemente na minha roupa barata da Target.

— Não sei dizer, professora. — A minha família vem do bairro. A Escócia parece demasiado elegante e chique para ser a nossa terra natal.

Ela acena com uma mão.

— Não é importante. Eu sou apreciadora de genealogia. Com que então candidatou-se a Harvard? Foi o que a Kelly me disse.

Kelly? Eu conheço alguma Kelly?

— Ela está a referir-se a mim, querida — diz a professora Gibson com uma gargalhada delicada.

Coro.

— Pois, desculpe. Penso em si como professora.

— Tão formal, Kelly! — acusa a professora Fromm. — Sabrina, a que outras faculdades concorreu?

— Boston College, Suffolk e Yale, mas Harvard é o meu sonho.

A Amelia arqueia uma sobrancelha ao ouvir a minha lista de três faculdades de Boston.

A professora Gibson intervém em minha defesa.

— Ela quer ficar perto de casa. E, como é óbvio, merece ficar numa faculdade melhor do que Yale.

As duas professoras soltam uma risada de escárnio. A professora Gibson concluiu o curso em Harvard e, pelos vistos, quando se é aluno de Harvard, a antipatia por Yale é eterna.

— Tendo em conta tudo o que disse a Kelly, parece que seria uma honra para Harvard tê-la como aluna.

— Seria uma honra para mim ser aluna de Harvard, professora.

— Em breve vão ser enviadas as cartas de admissão. — Os olhos dela brilham de divertimento. — Vou dar uma palavrinha por si.

A Amelia esboça outro sorriso, e eu quase desmaio de alívio. Não estava somente a dar-lhe graxa. Harvard é mesmo o meu sonho.

— Obrigada — lá consigo dizer.

A professora Gibson indica-me a comida.

— Porque não comes alguma coisa? Amelia, quero falar contigo sobre um documento que ouvi dizer que vinha de Brown. Tiveste oportunidade de o ler?

As duas viram costas e encetam uma conversa sobre o feminismo negro e a teoria da raça, tema no qual a professora Gibson é especialista.

Dirijo-me à mesa da comida com uma toalha branca, que está repleta de queijo, bolachas e fruta. Duas das minhas amigas mais próximas — a Hope Matthews e a Carin Thompson — já estão junto à mesa. São os dois anjos mais bonitos e inteligentes do mundo.

Apresso-me a ir ter com elas e quase caio nos seus braços.

— Então? Como é que correu? — pergunta a Hope, de maneira impaciente.

— Bem, acho eu. Ela disse que seria uma honra para Harvard ter-me como aluna e que a primeira vaga de cartas de admissão sairá em breve.

Pego num prato e começo a enchê-lo de comida. Gostava que os pedaços de queijo fossem maiores. Tenho tanta fome que podia comer um queijo inteiro. Passei o dia todo a aguardar ansiosamente este encontro e, agora que acabou, apetece-me cair de cabeça em cima da mesa da comida.

— É como se já lá estivesse — declara a Carin.

Somos as três orientandas da professora Gibson, que é uma grande defensora do apoio às jovens mulheres. Há outras organizações de apoio no *campus*, mas a influência dela é orientada especificamente para o empoderamento das mulheres, e eu não podia estar mais grata.

A festa de hoje foi organizada para que os alunos possam conhecer os professores dos programas mais competitivos do país. A Hope quer entrar em Medicina em Harvard e a Carin quer entrar no MIT.

Sim, é um mar de estrogénio na casa da professora Gibson. Além do marido dela, só estão presentes alguns homens. Vou sentir falta desta faculdade quando acabar o curso. Tem sido a minha casa longe de casa.

— Estou a fazer figas — respondo à Carin. — Se não entrar em Harvard, as outras hipóteses são Boston College ou Suffolk. — Não haveria problema em entrar nessas faculdades, mas Harvard garante-me uma hipótese de conseguir o trabalho que almejo depois de concluir o curso. Uma vaga numa das principais empresas de advocacia do país, ou aquilo a que toda a gente chama BigLaw.

— Vais entrar — diz a Hope, confiante. — Espero que quando receberes a carta de admissão, pares de te massacrar, porque, caramba, B, pareces tensa.

Viro a cabeça de um lado para o outro sobre o pescoço rígido. Sim, estou tensa.

— Eu sei. Ultimamente a minha agenda está de loucos. Esta manhã fui para a cama às duas, porque a rapariga que ficou de fazer



o fecho do Boots & Chutes bazou e deixou-me a mim a fazer o fecho, e depois fui obrigada a acordar às quatro para ordenar correio. Cheguei a casa por volta do meio-dia, deitei-me e quase dormi demais.

— Continuas com dois empregos? — A Carin afasta o cabelo ruivo da cara. — Disseste que te ias despedir do emprego como empregada de mesa.

— Ainda não me posso despedir. A professora Gibson disse que eles não querem que trabalhemos no primeiro ano da Faculdade de Direito. A única forma de conseguir isso é tendo dinheiro suficiente de lado para comida e renda antes de setembro.

A Carin faz um som de compaixão.

— Eu percebo. Os meus pais vão pedir um empréstimo tão grande que sou capaz de sustentar um país pequeno com ele.

— Gostava que viesses viver connosco — diz a Hope, queixosa.

— A sério? Não fazia ideia — gracejo. — Só disseste isso duas vezes por dia desde que o semestre começou.

Ela franze o nariz bonito na minha direção.

— Ias *adorar* a casa que o meu pai arrendou para nós. Tem janelas grandes e fica mesmo ao lado da linha de metro. Transportes públicos. — Ela agita as sobrancelhas de modo aliciante.

— É muito caro, H.

— Sabes que eu cobria a diferença... ou os meus pais — corrige-se ela. A família desta rapariga tem mais dinheiro do que um magnata do petróleo, mas ela nunca transparece isso. A Hope é do mais simples que há.

— Eu sei — digo enquanto como pequenas salsichas. — Mas eu iria sentir-me culpada, depois a culpa iria transformar-se em ressentimento e deixaríamos de ser amigas, e isso seria uma porcaria.

Ela abana a cabeça na minha direção.

— Se, a qualquer momento, o teu orgulho teimoso te deixar pedir ajuda, podes contar comigo.

— Podes contar *connosco* — intervém a Carin.

— Estão a ver? — Agito o garfo entre as duas. — É por isso que não posso viver convosco. São demasiado importantes para mim.

Além disso, as coisas estão a correr bem. Tenho quase dez meses para poupar antes do início das aulas no próximo outono. Eu cá me safo.

— Pelo menos, vem tomar um copo connosco quando acabar esta festa — implora a Carin.

— Tenho de ir para casa. — Faça um esgar. — Tenho de ordenar embalagens amanhã.

— Num domingo? — pergunta a Hope.

— Por umas horas. Não podia recusar. Na verdade, é melhor ir-me embora daqui a pouco. — Pouso o prato na mesa e tento perceber o que se está a passar do outro lado da janela ampla. Só vejo escuridão e gotas de chuva a cair no vidro. — Quanto mais cedo me for embora, melhor.

— Com este tempo, não vais a lado nenhum. — A professora Gibson surge junto ao meu cotovelo com um copo de vinho. — A meteorologia prevê neve forte, descida de temperatura e chuva com formação de gelo.

Basta olhar para o rosto da minha orientadora para perceber que vou ser obrigada a ceder. Por isso, cedo, mas com grande relutância.

— Está bem — digo —, mas vou ficar sob protesto. E tu. — Apon-to com o garfo na direção da Carin. — É bom que tenhas gelado no congelador para o caso de eu ter de ficar em tua casa. Caso contrário, vou ficar furiosa.

Desatam-se as três a rir. A professora Gibson afasta-se, deixando-nos a conversar como só três alunas sabem fazer. Depois de uma hora de conversa, eu, a Hope e a Carin pegamos nos casacos.

— Aonde vamos? — pergunto-lhes.

— O D'Andre está no Malone's e eu disse que ia ter com ele lá — diz-me a Hope. — Fica a dois minutos de carro daqui, por isso é tranquilo.

— A sério? O Malone's? É um bar de hóquei — lamurio-me. — O que é que o D'Andre está lá a fazer?

— Está a beber e está à minha espera. Além disso, precisas de dar uma queca e os atletas são o teu tipo preferido.

A Carin solta uma gargalhada.

— O único tipo dela.

— Tenho um bom motivo para preferir atletas — contesto.

— Eu sei. Já ouvimos falar. — Ela revira os olhos. — Se queres a resposta a uma pergunta sobre estatísticas, escolhe um fã de matemática. Se precisas de satisfazer uma necessidade física, escolhe um atleta. Os corpos são as ferramentas de um atleta de elite. Eles tratam do corpo, sabem como superar os seus limites, blá-blá-blá. — A Carin faz um gesto com a mão esquerda a imitar uma boca tagarela.

Levanto o dedo do meio.

— Mas fazer sexo com uma pessoa de quem se gosta é muito melhor. — Quem o diz é a Hope, que está com o D'Andre, o namorado que joga futebol americano, desde o primeiro ano.

— Eu gosto deles... na cama — protesto.

Rimo-nos, e depois a Carin menciona um rapaz que revelou um desempenho abaixo da média.

— Lembram-se do Greg-Dez-Segundos?

Estremeço.

— Em primeiro lugar, obrigadinha por teres avivado essa memória tão má e, em segundo lugar, não estou a dizer que não há desilusões. Só que as hipóteses são melhores com um atleta.

— E os jogadores de hóquei são desilusões? — pergunta a Carin.

Encolho os ombros.

— Não sei. Não os risquei da minha lista de possibilidades por causa do seu desempenho na cama, mas sim por serem imbecis privilegiados que recebem favores especiais das professoras.

— Sabrina, amiga, tens de esquecer isso — pede a Hope.

— Não. Os jogadores de hóquei estão fora da minha lista.

— Vê só o que andas a perder. — A Carin lambe os lábios com lascívia exagerada. — Aquele rapaz da equipa que tem barba? Quero conhecer a sensação daquilo. As barbas estão na minha lista de desejos, sabes?

— Então vai em frente. Se eu não quero jogadores de hóquei, mais sobram para ti.

— Parece-me bem, mas... — Ela sorri. — É preciso lembrar-te de que te enrolaste com o mulherengo do Di Laurentis?

Que nojo. Nunca mais quero que me lembrem disso.

— Em primeiro lugar, eu estava podre de bêbeda — resmungo. — Em segundo lugar, isso aconteceu no segundo ano. E em terceiro lugar, foi por causa dele que eu risquei os jogadores de hóquei.

Apesar de a Universidade Briar ter uma equipa de futebol americano que já ganhou um campeonato, é conhecida como uma universidade do hóquei no gelo. Os rapazes que usam patins são tratados como deuses. E um deles é o Dean Heyward-Di Laurentis. Está na licenciatura de Ciências Políticas como eu, por isso tivemos várias cadeiras juntos, incluindo Estatística no segundo ano. Essa cadeira foi difícil para caras. Toda a gente teve dificuldades.

Todos menos o Dean, que andava a comer a professora assistente.

E — para choque geral! — ela atribuiu-lhe um 18, que ele não merecia de todo. Tenho a certeza disso, porque nos juntaram no trabalho final e eu vi a porcaria que ele entregou.

Quando soube que ele tinha tido um 18, apeteceu-me cortar-lhe a pila. Foi tão injusto. Dei o litro nessa cadeira. Quero dizer, eu dou o litro em todas as cadeiras. Todas as minhas conquistas estão manchadas com o meu sangue, suor e lágrimas. E depois há idiotas que têm tudo de mão beijada? Nem. Pensar.

— Ela está a ficar chateada outra vez — sussurra a Hope para a Carin.

— Está a pensar que o Di Laurentis teve um 18 naquela cadeira — sussurra também a Carin. — Ela precisa mesmo de dar uma queca. A última foi há quanto tempo?

Começo a fazer-lhe um pirete quando me ocorre que não me lembro da última vez que me enrolei com alguém.

— Houve o Meyer? O rapaz do lacrosse. Isso foi em setembro. E depois disso houve o Beau... — Animo-me. — Estão a ver? Foi há pouco mais de um mês. Não é propriamente uma emergência nacional.

— Miúda, alguém com a tua agenda não pode passar um mês sem sexo — contrapõe a Hope. — És uma bola de stress andante,

o que significa que precisas de uma pila em condições pelo menos... todos os dias — determina ela.

— De vez em quando — argumenta a Carin. — Dá algum tempo ao seu jardim feminino para descansar.

A Hope acena com a cabeça.

— Está bem. Mas esta noite a vagina dela não vai ter descanso.

Solto um ronco trocista.

— Estás a ouvir, B? Já comeste, fizeste uma sesta de tarde e agora precisas de dar umas cambalhotas — declara a Carin.

— Mas o Malone's? — repito, cautelosa. — Acabámos de estabelecer que o bar está repleto de jogadores de hóquei.

— Não só. Aposto que o Beau está lá. Queres que pergunte ao D'Andre? — A Hope levanta o telemóvel, mas eu abano a cabeça.

— O Beau ocupa-me demasiado tempo. Ele gostava de falar durante o sexo. Já eu quero despachar a coisa e ir-me embora.

— Oh, falar! Assustador.

— Cala-te lá.

— Obrigá-me. — A Hope agita a cabeça enquanto as suas madeixas compridas batem contra o meu casaco, e depois sai da casa da professora Gibson.

A Carin encolhe os ombros e segue-a e, depois de um segundo de hesitação, eu faço o mesmo. Os nossos casacos já estão encharcados quando chegamos ao carro da Hope, mas pusemos os capuzes, por isso o cabelo sobrevive à molha.

Não me apetece mesmo conversar com nenhum rapaz esta noite, mas não posso negar que as minhas amigas têm razão. Ando tensa há várias semanas, e nos últimos dias tenho sentido uma... comichão. O tipo de comichão que só um corpo duro e musculado e, de preferência, uma pila com tamanho acima da média pode coçar.

Só que sou extremamente seletiva com os rapazes com quem me enrolo e, tal como temia, constato que o Malone's está cheio de jogadores de hóquei quando eu e as meninas entramos no bar cinco minutos depois.

Mas se é com isto que tenho de lidar, não faz mal nenhum apalpar o terreno e ver o que acontece.

Ainda assim, continuo sem expectativas enquanto sigo as minhas amigas até ao balcão do bar.

## 2

### Tucker

— Mantém-te longe daquela ali, puto. Ela é tóxica.

O Dean está a partilhar a sua sabedoria (normalmente mal orientada) com o nosso ala esquerdo, o Hunter Davenport, quando eu entro no Malone's depois de sair da chuva impiedosa.

As estradas estão péssimas e eu não quero estar aqui esta noite, mas o Dean insistiu que precisávamos de festejar. Passou o dia todo a andar de um lado para o outro em casa, mal-humorado e claramente chateado, mas quando lhe perguntei o que se passava, ele encolheu os ombros e disse que se sentia nervoso.

O que é mentira. Podem achar-me um tipo calado em comparação com os meus colegas de equipa que falam pelos cotovelos, mas não sou lento. E certamente não preciso de ser um detetive para juntar as pistas.

A Allie Hayes, a melhor amiga da namorada de outro dos nossos colegas de casa, dormiu lá ontem à noite.

O Dean é um mulherengo.

As miúdas adoram o Dean.

A Allie é uma miúda.

Logo, o Dean dormiu com a Allie.

Além disso, encontrei roupas espalhadas pela sala de estar, porque o Dean é fisicamente incapaz de fazer sexo no quarto.

Ele ainda não admitiu, mas sei que vai acabar por o fazer. Também sei que, o que quer que tenha acontecido entre eles ontem

à noite, a Allie não tenciona repetir. Só ainda não percebi porque é que isso incomoda o Dean, o rei das aventuras de uma noite.

— Ela não me parece tóxica — responde o Hunter, enquanto eu me abano para secar a água do cabelo.

— Ei, Fido — resmunga o Dean na minha direção. — Vai secar-te para outro lado.

Reviro os olhos e sigo o olhar do Hunter, que está colado a uma morena magra que está de costas para nós e virada para o balcão comprido. Vejo uma saia curta, pernas de arrasar e cabelo escuro e grosso a cair-lhe sobre as costas. Já para não falar do rabo mais redondo, sexy e espetacular que alguma vez tive o prazer de admirar.

— Boa — comento antes de lançar um sorriso ao Dean. — Deduzo que já te tenhas apressado a reclamá-la.

O rosto dele fica pálido de horror.

— Nem pensar. É a Sabrina, meu. Já tenho de levar com ela todos os dias nas aulas. Não preciso de levar com ela também fora da faculdade.

— Espera, aquela é a Sabrina? — pergunto lentamente. É esta a rapariga que o Dean jura que é a inimiga dele? — Já a vi no *campus*, mas não sabia que era dela que estavas sempre a reclamar.

— É ela — murmura ele.

— Que pena. É feitosa. — Por acaso, é bem mais do que feitosa. No dicionário, ao lado da palavra «feitosa», aparece uma fotografia do rabo da Sabrina. Também poderia estar ao lado de expressões como «linda», «brasa» e «boa como o milho».

— O que se passa entre vocês? — intervém o Hunter. — É tua ex? O Dean retrai-se.

— Credo, não.

O caloiro comprime os lábios.

— Então, não vou quebrar o código masculino se me atirar a ela?

— Queres atirar-te a ela? Força. Mas aviso-te já de que aquela cabra te vai comer vivo.

Viro o rosto para esconder um sorriso. Parece que alguém deu uma nega ao Dean. Há uma história qualquer entre eles, mas,



mesmo depois de eu e o Hunter insistirmos para que ele conte, o Dean fecha-se em copas. Na outra ponta do bar, a Sabrina vira-se. Provavelmente, sente os olhos de três rapazes a cravarem-se no seu rabo, e dois deles estão famintos.

O olhar dela incide no meu e ela não o desvia. Há um desafio nos seus olhos, e o jogador que existe dentro de mim mostra-se à altura.

És homem suficiente para mim? É o que parece que ela me está a perguntar.

*Nem fazes ideia, querida.*

Uma faísca de calor ilumina-lhe o olhar... pelo menos até ver o Dean. Sem demora, os seus lábios comprimem-se numa linha fina e ela levanta o dedo do meio na nossa direção.

O Hunter grunhe e sussurra qualquer coisa sobre o Dean ter estragado as hipóteses dele. Mas o Hunter é um menino, e aquela rapariga tem fogo suficiente dentro dela para atear fogo ao mundo. Não a vejo a querer levar um rapaz de 18 anos para a cama, sobretudo se ele se mostra derrotado ao primeiro obstáculo. O rapaz tem de enrijecer se quer jogar na liga dos crescidos.

Enfio a mão no bolso para procurar dinheiro.

— Vou buscar uma cerveja. Precisam de outra?

— Estou bem — diz o Hunter, e o Dean abana a cabeça.

Depois de cumprir a minha função de amigo, encaminho-me na direção do bar e da Sabrina, e chego na altura em que o barman lhe entrega a bebida. Pouso uma nota de vinte dólares.

— Eu pago essa bebida e quero uma *Miller*, quando tiveres tempo.

O barman pega na nota e dirige-se à caixa registadora antes de a Sabrina conseguir protestar. Ela lança-me um olhar contemplativo e depois leva a garrafa de cerveja aos lábios.

— Não vou dormir contigo porque me ofereceste uma bebida — diz ela por cima do rebordo da garrafa.

— Espero que não — respondo enquanto encolho os ombros. — Tenho padrões mais elevados do que isso.

Aceno educadamente com a cabeça e regresso à mesa onde alguns dos meus colegas de equipa estão reunidos. Atrás de mim,

consigo sentir os olhos dela a cravarem-se nas minhas costas. Uma vez que ela não me consegue ver, permito que um sorriso de satisfação se espalhe pelo meu rosto. Esta é uma rapariga que está habituada a que tentem seduzi-la, o que significa que a minha conquista tem de surpreender um pouco.

Na mesa, o Hunter está a fazer olhinhos a outro grupo de raparigas, e o Dean está a olhar fixamente para o telemóvel, provavelmente a trocar mensagens com a Allie. Questiono-me se os outros rapazes saberão que eles se enrolaram. Provavelmente não. O Garrett e o Logan estão em Boston com as namoradas até amanhã, por isso o mais provável é estarem à nora. Mas o Garrett insistiu com o Dean para que ele se mantivesse afastado da Allie este fim de semana. Ele não queria que a sua vida perfeita com a Hannah, a melhor amiga da Allie, fosse prejudicada.

Uma vez que não tem havido discussões por telemóvel, aposto que o Dean e a Allie decidiram não contar a ninguém que se enrolaram ontem à noite.

Quando o Hunter abre a boca para lançar uma frase de engate fofoleira a uma das raparigas que se aproximaram da nossa mesa, as luzes tremeluzem de modo sinistro.

O Dean franze o sobrolho.

— Está o Apocalipse lá fora ou quê?

— A chuva não está para brincadeiras — digo-lhe.

Depois disso, o Dean decide ir-se embora. Eu fico no bar, apesar de nem me apetecer estar aqui esta noite. Não sei porquê, mas esta breve troca de olhares com a Sabrina deixou-me um pouco alterado.

Não tenho propriamente falta de raparigas na minha vida. Posso não me vangloriar das minhas conquistas como o Dean e o Logan ou os meus outros colegas de equipa, mas faço sexo com frequência. Até sou capaz de me envolver em casos de uma noite se estiver para aí virado.

E, neste momento, estou para aí virado.

Quero a Sabrina debaixo de mim. Em cima de mim. Onde quer que ela se queira meter, para mim serve. E quero tanto, que me vejo

obrigado a passar a mão pela barba para não ceder à vontade de a baixar ainda mais e esfregá-la noutro sítio.

Continuo sem saber o que pensar da barba. Deixei-a crescer na altura do jogo do campeonato na primavera passada, mas acabou por se avolumar tanto que a cortei no verão. Depois voltou a crescer porque sou um preguiçoso de primeira, e aparar-lhe as pontas é mais fácil do que rapá-la toda.

— Senta-te, meu — encoraja-me o Hunter. Ele regista com os olhos que há três raparigas e dois rapazes, mas estas raparigas, por mais bonitas que sejam, não me interessam minimamente.

— São todas tuas, meu.

Bebo o resto da garrafa e regresso ao bar, onde a Sabrina continua de pé. Entretanto aproximaram-se mais dois predadores. Lanço-lhes um olhar fulminante e sento-me no banco vazio ao lado dela.

Encosto um cotovelo atrás de mim na direção do balcão, para lhe dar a ilusão de espaço. Ela faz-me lembrar um daqueles póneis indomáveis, com olhos grandes, pernas compridas e a promessa de que te darão a melhor corrida da tua vida. Mas basta tocar-lhe cedo demais, e ela desata a correr e nunca mais a apanhas.

— És amigo do Di Laurentis?

As palavras saem de modo descontraído, mas tendo em conta que ela e o Dean não simpatizam muito um com o outro, provavelmente só há uma forma certa de responder e é negando tudo.

Mas não vou fazer isso a um amigo, nem sequer para dar uma queca. E, seja qual for o desentendimento que a Sabrina tem com o Dean, não me influencia, tal como a opinião do Dean sobre a Sabrina não vai moldar aquilo que procuro nela. Além disso, acredito piamente na expressão que diz que as primeiras impressões são fundamentais.

— É meu colega de casa.

Ela não faz o mínimo esforço para esconder o desgosto e começa a descartar-me.

— Obrigada pela bebida, mas acho que estou a ver as minhas amigas a acenarem-me. — Ela acena a um grupo de raparigas.

Olho para o grupo e constato que nenhuma delas está a olhar na nossa direção, e depois viro-me para ela com um aceno triste de cabeça.

— Vais ter de fazer melhor do que isso. Se queres que me vá embora, manda-me embora. Pareces uma rapariga que sabe o que quer e não tem medo de o dizer.

— Foi isso que o Dean te disse? Aposto que me chamou cabra, não chamou?

Desta vez, opto por ficar de boca calada. Em vez disso, bebo um gole da bebida.

— Ele tem razão — prossegue ela. — Sou mesmo e não peço desculpa por isso.

O seu queixo estende-se para fora de modo adorável. Eu até o apertava, mas era capaz de perder uns dedos e preciso deles mais tarde. Tenciono percorrer todo o seu corpo.

Ela bebe outro gole da cerveja que eu lhe ofereci, e eu observo os músculos delicados da sua garganta a mexerem-se. Caramba, ela é linda. O Dean podia ter dito que ela suga vida a bebés e, mesmo assim, continuaria a atrair-me. Exerce esse tipo de atração.

E não sou só eu. Metade da população masculina do bar está a lançar olhares de inveja na minha direção. Desvio ligeiramente o corpo para a esconder.

— Está bem — digo, baixinho.

— Está bem? — Ela adota uma expressão confusa adorável.

— Sim. Isso devia afugentar-me?

Ela une as sobrancelhas perfeitas.

— Não sei o que mais ele disse, mas não sou fácil. Não me oponho a enrolar-me com alguém, mas sou exigente com quem levo para a minha cama.

— Ele não disse nada em relação a isso. Só disse que gostavas de o irritar. Mas ambos sabemos que o ego do Dean consegue aguentar um golpe de vez em quando. A questão é se estás interessada nele. Parece-me que sim, porque só falas nele. — Encolho os ombros. — Se for esse o caso, eu bazo agora mesmo.

Embora o Dean tenha dito que não gostava da Sabrina, quero garantir que ela não sente nada por ele. O tom de voz dela quando falou sobre ele indicava raiva, não ressentimento, e eu interpreto isso como um bom sinal. A raiva pode ser motivada por várias coisas. O ressentimento, normalmente, está relacionado com mágoa.

Quando — e não se — formos para a cama, deverá ser porque ela quer estar comigo, e não para se vingar do Dean.

Ela olha por cima do meu ombro para o local onde o meu colega de equipa continua sentado e depois novamente para mim. Bebemos em silêncio durante uns minutos. Os seus olhos cor de chocolate são difíceis de ler, mas tenho a sensação de que ela está a estudar cuidadosamente as minhas palavras. Pode ser que esteja a contar que eu fale, que preencha o silêncio, mas eu também estou à espera de que ela fale. Além disso, dá-me tempo para a escrutinar. E, a esta distância, é ainda mais bonita do que eu achava.

Ela não tem só um rabo espetacular e pernas compridas. As suas mamas são do tipo que consegue transformar um homem em religioso. Do género: «Obrigada, Jesus, por criares esta criatura gloriosa» e «Por favor, Senhor, que ela não seja lésbica». Não olhar descaradamente para as protuberâncias sob a camisola dela é uma das coisas mais difíceis que alguma vez tive de fazer.

Por fim, ela pousa a garrafa em cima do balcão.

— Só porque és bonito, não quer dizer que eu esteja interessada. Sorrio.

— Um rapaz tem de começar por algum lado.

Um sorriso relutante forma-se nos cantos da sua boca. Ela limpa a mão à saia e estende-a.

— Sou a Sabrina James. Já ouvi todo o género de piadas sobre ser uma bruxa e não, não estou apaixonada pelo Dean Di Laurentis.

Dou-lhe um aperto de mão e uso o contacto para a puxar um pouco mais para mim. Com esta rapariga tem de ser um passo de cada vez.

— John Tucker. Folgo em ouvi-lo, mas quero que saibas que o Dean é como um irmão para mim. Há quatro anos que jogamos juntos,

vivemos juntos durante três anos, e tenciono estar presente no casamento dele e espero que ele esteja presente no meu. Dito isto, ele é meu amigo, não meu paizinho.

— Espera lá. Vais casar-te? — pergunta ela, baralhada.

É engraçado que, de entre todas as coisas que disse, foi isso que lhe ficou na cabeça. Passo a mão pelo exterior do seu braço e descrevo um círculo no pulso com os dedos.

— No futuro, querida. No futuro.

— Oh. — Ela pega na garrafa de cerveja, mas depois poussa-a quando se apercebe de que está vazia. — Espera. Tu queres casar-te?

— Um dia, sim. — Rio-me ao notar a perplexidade dela. — Hoje não, mas sim, um dia quero casar-me e ter um filho ou três. E tu?

O barman aproxima-se, e eu empurro outra nota de vinte dólares na sua direção.

Mas a Sabrina abana a cabeça.

— Vou conduzir. Uma cerveja chega-me.

Peço então duas águas, e ele regressa rapidamente com dois copos altos.

As luzes piscam novamente e sinto uma onda de urgência na barriga. Tenho de fechar este negócio rapidamente ou ainda o perco.

— Obrigada — diz ela enquanto bebe a água. — E não, não me imagino a ter filhos ou marido num futuro próximo. Além disso, achava que os jogadores de hóquei gostavam de curtir a vida.

— Mais tarde ou mais cedo, até os grandes jogadores se reformam. — Sorrio por cima do rebordo do copo.

Ela ri-se.

— Está certo. Talvez tenhas razão. Então qual é a tua licenciatura, John?

— Tucker. Toda a gente me trata por Tucker ou Tuck. E é Gestão.

— Então és capaz de gerir o dinheiro que ganhas no hóquei?

Ainda não lhe larguei o pulso e, a cada olhar que trocamos, estou a encurtar a distância entre nós.

— Não. — Aponto com a cabeça para o joelho. — Sou demasiado lento para os profissionais. Levei uma pancada no secundário.

Consegui uma bolsa de estudo aqui na faculdade, mas conheço os meus limites.

— Oh, lamento. — Denoto um arrependimento na voz dela.

O Dean é um tonto. A rapariga é do mais doce que há. Mal posso esperar por lhe pôr a boca em cima.

E as mãos.

E os dentes.

E o meu pénis duro como aço.

— Não fiques com pena. Eu não fico.

Deslizo o braço por cima do balcão até a Sabrina estar essencialmente no círculo dos meus braços. Os pés dela estão no meio dos meus e, se chegar as ancas um pouco para a frente, consigo estabelecer o contacto pelo qual o meu corpo anseia. Mas se há coisa que aprendi durante todos estes anos a jogar hóquei, é que a paciência é recompensada. Não podemos dar uma tacada logo quando o *stick* recebe o disco. Temos de esperar pela oportunidade certa.

— Nunca quis isso — acrescento. — E acho que é uma daquelas coisas que temos mesmo de querer fazer.

E é aí que ela me dá a oportunidade certa.

— Então o que é que queres?

— Quero-te a ti — respondo com ousadia.

Acontecem duas coisas. As luzes apagam-se completamente e ela quase deixa cair o copo. A *jukebox* desliga-se e, de repente, o bar fica demasiado silencioso. À nossa volta, ouvem-se algumas risadas e alguns gritos de decepção.

— Tenham calma, meninos — grita um dos empregados. — Vamos ver o que se está a passar. O gerador deve iniciar a qualquer momento.

Como se adivinhasse, um zumbido enche o ar e depois uma luz ténue ilumina a sala à pinha.

— Continuas com sede? — pergunto, enquanto afago o interior do seu pulso com movimentos demorados e delicados, na direção da parte interior do cotovelo e descendo depois de volta para o pulso. E repito. Várias vezes.

Ela baixa o olhar para as nossas mãos unidas e arregala os olhos, como se só agora se apercebesse de que estamos a tocar um no outro há dez minutos. Eu inclino-me para ela e roço o nariz na parte exterior do lóbulo da orelha, enchendo os pulmões com o seu perfume com notas de especiarias.

Podia ficar aqui o dia inteiro. A expectativa tem qualquer coisa de incrível que até se torna quase dolorosa. Torna a libertação mais explosiva. Tenho a sensação de que fazer sexo com a Sabrina James vai ser inacreditável.

Porra, mal posso esperar.

Depois de respirar fundo, de tal modo que as suas mamas perfeitas se inclinam na direção do meu peito, ela afasta-se — apenas um pouco, mas o suficiente para criar alguma distância.

— Não estou interessada em relações — diz ela de modo direto. — Se fizermos isto...

— Fizemos o quê? — Não consigo deixar de a picar.

— *Isto*. Não te faças de desentendido, Tucker. És melhor do que isso. Solto uma gargalhada.

— É justo. Tudo bem... — Aceno com uma mão. — Continua...

— Se fizermos isto — repete ela —, não vai passar de sexo. Não quero conversas constrangedoras na manhã seguinte. Não quero chamadas telefónicas.

Afago-lhe a pele uma última vez, e depois solto a mão e deixo que ela fique a interpretar o meu silêncio da forma que quiser. Duvido que uma vez vá ser suficiente para algum de nós, mas se é nisso que ela precisa de acreditar esta noite, eu não me importo.

— Vamos a isso.

Os lábios dela curvam-se.

— Agora?

— Agora. — Humedeço o lábio inferior com a língua. — A não ser que queiras ficar aqui sentada a continuar com rodeios sobre o facto de querermos despir as roupas um ao outro.

Ela solta uma gargalhada vinda da garganta que me desce diretamente aos testículos.



— Muito bem visto, Tucker.

Meu Deus. Adoro a forma como o meu nome soa naqueles lábios carnudos em forma de beicinho. Talvez lhe peça que diga o meu nome quando a fizer vir-se.

O desejo que sinto dentro de mim é tão forte que sou obrigado a apertar as nádegas e a respirar pelo nariz para tentar diminuí-lo. Agarro o cotovelo da Sabrina e encaminho-me para a porta. Algumas pessoas chamam o meu nome ou dão-me uma palmadinha nas costas para me dar os parabéns pelo bom jogo. Eu ignoro-os a todos.

Cá fora continua a chover. Puxo a Sabrina para mais perto de mim e coloco o casaco de hóquei preto e prateado sobre a cabeça dela. Felizmente, a minha carrinha está ali perto.

— Por aqui.

— Belo lugar de estacionamento — observa ela.

— Não me posso queixar. — É uma das vantagens de ser titular numa equipa de hóquei universitária vencedora de um campeonato.

Ajudo-a a entrar na carrinha, e depois sento-me no lugar do condutor e ligo o carro.

— Para onde?

Ela estremece um pouco, se bem que não sei se é do frio ou por outro motivo.

— Eu vivo em Boston.

— Em minha casa então. — Porque nem por sombras consigo esperar uma hora para chegar à cidade. O meu pénis vai explodir.

Ela pousa a mão no meu pulso antes que eu consiga engatar a marcha-atrás.

— Vives com o Dean. Não vai ser desconfortável para ti?

— Não. Porque haveria de ser?

— Não sei. — Ela esfrega os nós dos meus dedos com o dedo indicador.

Cerro os dentes e sinto a ereção quase a irromper pelo fecho-éclair. A única razão por que não a beijei assim que saímos do bar foi porque, se tivesse começado, provavelmente seria obrigado a

comê-la na zona lateral do edifício. Mas agora ela está a tocar-me, e o meu autodomínio é mais efêmero do que uma nuvem de vapor.

— Vamos fazê-lo aqui — diz ela, determinada.

Franzo o sobrolho.

— Na carrinha?

— Porque não? Precisas de velas e pétalas de rosa? É só sexo — insiste ela.

— Querida, se continuares a dizer isso, vou começar a questionar-me se é mesmo a mim que queres convencer. — Fico ofegante quando o seu polegar descreve um círculo pequeno no centro da palma da minha mão. Que se lixe. Preciso demasiado dela. — Mas está bem. Queres comer-me nesta carrinha, por isso é nesta carrinha que vai ser.

Sem dizer mais uma palavra, puxo o assento o mais para trás que consigo. Depois dispo o casaco e atiro-o para o assento de trás.

— Tens regras para o sexo casual? — indago. — Por exemplo, não dar beijos na boca?

— Claro que não. Pareço-te a Julia Roberts? — Arqueio as sobrançelas. — *Pretty Woman*? — inquire ela. — A prostituta com coração de ouro? Que não dá beijos na boca?

Sorriso.

— Então com isso queres dizer que dás beijos na boca? — Dou uma palmada no peito para que ela saiba que me estou a referir a mim, e não a dar a entender que ela é uma prostituta.

Ela sorri.

— Se não me beijares, vou ficar furiosa. Eu preciso de beijos. Caso contrário, fico em casa com o meu vibrador.

Um sorriso assoma-me ao rosto. Com as costas viradas para o vidro e os pés pousados na consola, crio uma cama para ela deitar o corpo jeitoso e se encostar a mim.

— Então vem buscar aquilo de que precisas.

# 3

## *Sabrina*

O Tucker fica ali sentado com um sorriso contido no rosto e uma ereção enorme nas calças. Deixo sair a língua para humedecer os lábios, ao mesmo tempo que sinto a excitação a percorrer-me as veias. Meu Deus, a sensação de ter aquele monstro dentro de mim vai ser maravilhosa.

Incido o olhar na sua barba bem aparada e questiono-me, por breves instantes, se devia tê-lo deixado para a Carin. Afinal de contas, as barbas estão na sua lista de desejos. Mas, neste preciso momento, estou a questionar-me como seria a sensação de ter a barba dele no meio das minhas pernas. Será que é suave? Será que arranha? Aperto as coxas uma contra a outra por causa da expectativa.

A Hope e a Carin tinham toda a razão. Preciso mesmo de ir para a cama com alguém e, sendo ou não jogador de hóquei, acredito que o Tucker é o rapaz certo para isso. Tem confiança sem ter ego, o que me deixa imensamente excitada. Quando ele respondeu que era a mim que queria, quase me vim nas cuecas.

E parece um rapaz firme, como se um terramoto não fosse capaz de o derrubar. Até admirei a forma como defendeu o Dean, apesar de eu saber que ele não merece essa lealdade. O Tucker sabia que, se tivesse mentido em relação à sua amizade com o Dean, teria mais hipóteses comigo, mas optou pela sinceridade, que é aquilo que eu mais valorizo.

— Precisas de indicações? — A sua voz é baixa e grave, e ele articula bem as sílabas.

Meu Deus, aquele sotaque.

— Estou só a avaliar as minhas opções. — Adoro que ele esteja ali especado a ordenar-me que vá buscar aquilo de que preciso. Como se o seu pénis grande só existisse para mim.

Mal posso esperar, mas não consigo decidir o que quero fazer primeiro. Sinto água na boca ao pensar no seu pénis a arrastar-se pela minha língua, mas a expectativa de o sentir a preencher-me faz a minha vagina arder.

— Porque não começamos pelo beijo de que gostas tanto? — sugere ele.

Olho-o nos olhos, que transmitem calor.

— Onde? — pergunto timidamente, o que é estranho, porque nunca sou tímida. Mas há qualquer coisa na segurança dele que desperta a mulher que tenho dentro de mim, e apercebo-me de que não me importo minimamente.

Ele bate com um dedo grande contra o lábio inferior.

— Aqui mesmo.

De forma o mais sedutora possível, rastejo por cima da consola para o colo dele, deixando que os meus saltos caiam no chão da carrinha. A sua boca entreabre-se em sinal de convite, mas não colo imediatamente os lábios aos dele.

Em vez disso, passo as pontas dos dedos sobre a sua barba, de um lado do maxilar para o outro.

— Suave — murmuro.

Os olhos dele obscurecem-se e denotam tanto desejo que se torna difícil respirar. E depois ele agarra-me, farto de esperar e cansado de tanta conversa.

As nossas bocas embatem uma contra a outra. Ele passa uma mão pelo meu cabelo, e eu não sei se é para conseguir um ângulo melhor ou se é para facilitar a força da sua invasão. De qualquer forma, a língua dele está a fazer-me sentir coisas mágicas no meio das pernas. Esqueci-me do motivo pelo qual quase o rejeitei.

Ele é alto, jeitoso, tem cabelo castanho-arruivado e barba por fazer. Porque é que hesitei sequer? Ah, pois foi. Porque é jogador de hóquei.

Afasto a boca e digo, ofegante:

— Só para que conste, odeio jogadores de hóquei. Esta é uma vez sem exemplo.

Ele puxa-me o cabelo para o lado e expõe a minha garganta.

— Fica registado. Nem te vou lembrar disso quando estiveres a implorar-me por uma segunda ronda.

Rio-me e agarro a sua cabeça, prendendo-a contra o meu corpo, enquanto ele desliza a língua pela minha garganta até à parte superior dos meus seios.

— Nunca vai acontecer.

— Não tenhas tantas certezas. Depois é mais fácil voltares atrás. Mais gracioso.

As palavras dele são abafadas quando enfia o rosto no meu decote. Uma mão calejada puxa-me a camisola, e depois ouço um suspiro de frustração quando o decote não baixa mais para lhe dar acesso àquilo que ele quer.

Ainda bem que os nossos desejos estão alinhados. Dispo a camisola, e a boca dele prende-se ao meu mamilo antes que eu consiga despir o soutien. Quando começo a desapertá-lo, ele bate com as mãos nas minhas para me impedir.

A gargalhada que a sofreguidão dele me provoca morre-me na garganta quando a sua palma da mão se fecha em redor de um seio. Arqueio as costas quando sinto o toque brusco. Valha-me Deus, já passou demasiado tempo. Enquanto o Tucker ocupa a boca a chupar-me um mamilo arrebitado, os seus dedos beliscam o outro e provocam-me.

Ele tem jeito para isto. Conhece a intensidade certa da chupadela, da mordidela, do beijo e, apesar da ereção nas suas calças, age como se fosse capaz de passar a noite toda a chupar-me o mamilo.

Roço a parte de baixo do corpo na ereção dele e remexo-me para despir a saia, de modo a conseguir senti-lo na totalidade. Caramba,

quero tirá-la. Quero sentir o seu corpo nu a roçar-se no meu. Quero-o dentro de mim.

Quero sentir tudo.

Procuro a bainha da sua t-shirt. Ele não me oferece ajuda, porque, neste momento, está demasiado concentrado nos meus seios. Encontro a bainha e puxo-a com força. Só depois é que ele se afasta de mim, e o ar frio da carrinha faz com que os meus mamilos endureçam ainda mais.

— Não preciso de mais preliminares — digo, enquanto lhe puxo a t-shirt pela cabeça.

Que músculos! Um sem-fim de músculos tonificados, rígidos e suaves brilha debaixo das palmas das minhas mãos. Adoro atletas.

Ele afunila as mãos debaixo da minha saia.

— Ah, sim?

Não há nada de gracioso na forma como ele enfia os dedos por dentro do meu fio dental, e não me dá nenhum aviso quando mergulha dois deles dentro de mim. É um gesto ousado e muito sensual. O ar passa-me por entre os dentes quando respiro fundo.

— E assim? Gostas? — murmura ele.

— Mais ou menos — minto, e sou imediatamente castigada quando ele afasta a mão. — Pronto. É bom.

Ele volta a afastar a mão e usa os dedos, que agora estão molhados, para descrever um círculo suave pelo meu clítoris. Todo o meu corpo fica tenso e se contrai, gritando por mais.

— É só bom? — provoca-me.

Eu admito.

— É ótimo. Ótimo.

— Eu sei. — Ele parece presunçoso. — Odeio dizer-te isto, Sabrina. Mas cometeste um grande erro.

— O quê? Porquê?

Os seus dedos tornam a tanga apertada, e eu sinto o tecido a cortar os meus lábios inchados.

— Porque vou arruinar qualquer hipótese que tenhas com outros rapazes no futuro. Peço desde já desculpa.

Depois ele puxa o tecido para o lado e enfia três dedos. A crueza gráfica deste gesto provoca um choque enorme. Consigo senti-lo em todo o lado. Até nos dedos dos pés. Sou assolada por uma onda de excitação. Cum caraças. Ele está a fazer-me vir. Isso é sequer possível?

Fito-o de boca aberta, e ele lança-me um sorriso, dentes brancos contra a pele bronzeada e a barba, totalmente consciente de que está a dar cabo de mim. Volta a mexer os dedos e, com dois deles, esfrega aquele ponto que quase ninguém encontra a não ser eu.

E continua a esfregar-me com os dedos dentro de mim. E eu continuo a vir-me. Deixo cair a cabeça para trás e fecho as pálpebras, deixando-me levar pelo prazer que me percorre em espirais, até o meu corpo não conseguir parar de estremecer.

Quando volto à Terra, dou comigo deitada contra o peito dele, ofegante. Nunca tive um orgasmo tão intenso na minha vida, e o rapaz ainda nem entrou dentro de mim. O meu coração está a bater loucamente e a minha mente entorpecida está a ter dificuldade em acompanhar.

Ele é só um rapaz. Um rapaz como os outros, lembro-me a mim mesma. Um pénis e dois testículos. Não é nada de especial.

— Há algum tempo que não faço sexo — murmuro quando a minha respiração começa a normalizar. — Tenho andado muito tensa. O meu corpo precisava de uma libertação.

Ele flete três dedos compridos dentro de mim.

— Seja o que for que precisas de dizer a ti própria, querida.

Há um divertimento empertigado na sua voz, mas o rapaz acabou de me provocar um orgasmo com os dedos (o que *nunca* me acontece), por isso não posso culpá-lo. Arrasta os dedos pelas minhas terminações nervosas enquanto os retira, provocando-me outro gemido involuntário.

Levanta a mão, e eu vejo os dedos a brilharem da humidade mesmo com a escuridão da carrinha. Não estou preparada para a onda de excitação que me percorre quando ele os chupa.

Arquejo.

Um movimento rápido da alavanca e o assento dele fica completamente deitado. O Tucker deita-se e chama-me novamente.

— Anda cá foder-me a cara. Preciso de mais disso.

Oh. Meu. Deus. Quem é este tipo?

Talvez não devesse subir a saia até às ancas e rastejar para a frente, mas faço-o. É como se ele me tivesse lançado um feitiço e eu não lhe conseguisse desobedecer.

— É melhor preparares-te — diz ele —, porque vou fazer-te vir outra vez.

— És um convencido de primeira.

— Não. Tenho confiança em mim. E tu também. Agora dá cá essa vagina apetitosa e vem montar a minha língua.

Valha-me Deus. O sexo com o Tucker é mais obsceno e sensual do que alguma vez imaginei. Nunca pensei que ele fosse assim, mas não é sempre assim com os calados?

Gosto, até demais.

O seu hálito quente aquece-me a pele quando baixo o corpo até ao rosto dele.

— Isso mesmo. — É a última coisa que ele diz antes de colar a boca à minha vagina.

Ele não se limita a usar a língua. Usa os lábios e os dentes para arranhar o meu clítoris hipersensível. Encosta uma mão à minha anca e usa a outra para mergulhar os dedos dentro de mim. E a língua? Mexe-a em movimentos demorados até eu estar a abafar os gemidos com o pulso. E depois afasta-me com dois dedos e mantém-me aberta, enquanto a língua me penetra com força.

Ele tem razão, preciso de me preparar. Agarro as partes laterais do assento e depois fico perdida. Ele leva-me até à beira do penhasco e empurra-me.

Enquanto ainda continuo a estremecer por causa do segundo orgasmo da noite, o Tucker levanta-me do rosto dele e senta-me no colo, onde o seu pénis já se encontra liberto das calças de ganga. Eu agarro-lho.

— Espera — ordena ele, mas é tarde demais.



Mordo o lábio inferior quando a sua cabeça larga me penetra lentamente. De modo ávido, empurro o corpo para baixo para me encher por completo. As mãos dele encontram as minhas ancas, e eu deixo escapar um suspiro de satisfação antecipatória, e depois gemo de tristeza quando ele se afasta.

— Preservativo — diz ele, tristemente.

Olho para os nossos corpos, surpreendida. Nunca cometo esse erro. Nunca. Levo as mãos à boca.

— Desculpa, não estava a pensar...

Ele remexe nas calças de ganga, encontra a carteira e atira-me o preservativo.

— Não há problema. Foi só a ponta.

Pisca-me o olho e eu desato a rir. Abro o invólucro com os dentes e depois coloco-lhe o preservativo no pénis.

— Não tenho doenças — sinto-me obrigada a dizer. — Fiz exames depois de... — Calo-me, pois sinto que falar sobre engates do passado é uma péssima ideia quando estou nua e prestes a inserir dentro de mim o pénis de outro rapaz. — Bem, depois. E tomo a pílula.

— Da minha parte também não há problemas — diz ele. Fecha as pálpebras enquanto eu rolo o preservativo pelo seu pénis grosso e quente. Um gemido baixo escapa-lhe da boca, e depois ele afasta-me a mão para se encarregar do assunto.

— Estás pronta? — pergunta-me, posicionando a cabeça junto à minha entrada.

Não sei se assinto, suspiro ou imploro, mas seja qual for o som que sai da minha boca deve soar a assentimento, porque ele realiza um movimento rápido para empurrar o pénis para cima até se posicionar mesmo junto à entrada.

— Porra, és mesmo apertada — sussurra ele entre dentes cerrados.

— E tu és mesmo grande — respondo, remexendo-me em cima dele.

Ele agarra-me as ancas para me manter quieta e penetra-me.

— Não te mexas.

— Não consigo parar. — A sensação da fricção é incrível. Se eu achava que os dedos dele e a língua eram mágicos, o pénis é sobrenatural. Consgo senti-lo *em todo o lado*.

Enterro os joelhos no assento de pele e pouso as mãos no peito dele. Os seus músculos fletem debaixo das palmas das minhas mãos, e eu olho para o abdómen rígido, para os pelos suaves do peito e para a linha fina que conduz diretamente ao paraíso.

Olhar para ele é tão delicioso quanto senti-lo. Questiono-me qual será o seu sabor, mas terei de esperar para descobrir. Neste preciso momento, preciso que ele me foda até eu esquecer completamente a ansiedade que sinto por causa de Harvard, do dinheiro e da minha vida familiar. Quero uma boa queca, e ele é o rapaz certo para isso.

Deito-me por cima dele. Uma expressão feroz percorre-lhe o rosto e depois ele pousa uma mão grande no meu rabo. Puxa-me para cima, encontrando a posição certa, e, apesar de eu estar por cima, ele está claramente a controlar tudo, e é mesmo isso que eu quero.

Ele tem os dentes cerrados, e sinto os seus dedos a cravarem-se no meu rabo, puxando-me para baixo a cada investida. Aperto mais as ancas em redor dele e deixo-me guiar até à perdição.

— Vem-te para mim — segreda-me ele. — Leva aquilo de que precisas.

Dentro de mim, o pénis dele palpita e depois os seus dedos encontram o meu clítoris, afagando-o e provocando-o até eu explodir como um foguete e estar a tremer tanto que mal consigo manter-me em cima dele.

O Tucker encosta-me ao seu peito e penetra-me com tanta força que tenho de levantar as mãos trementes para o tejadilho da carrinha, para impedir que a minha cabeça bata contra ele.

Ele penetra-me repetidas vezes até, de repente, começar a tremer, absorto e com dificuldade em manter o controlo. Deixa-se cair sobre o assento, levando-me com ele.

Permito-me ter uns momentos egoístas para recuperar o fôlego, encostada ao peito grande que está debaixo de mim. Os tremores dão lugar à satisfação. Parte de mim quer prolongar este momento

para todo o sempre e manter-se aninhada no colo deste rapaz, com a mão dele a percorrer-me a coluna para cima e para baixo.

— De certeza que não queres dormir em minha casa? — pergunta ele.

Por instantes, quase digo que sim. Sim a ir para casa dele. Sim a repetir outra ronda de sexo. Sim a tomar o pequeno-almoço de manhã, a faltar ao trabalho e a passar o dia inteiro na cama com ele. Esta necessidade surpreende-me e assusta-me.

Respiro fundo e recomponho a compostura que ele arruinou.

— Não. Tenho de ir para casa.

*Só sexo.*

Certo. É só sexo. O John Tucker é bom na cama. Tão bom que devia receber um troféu. Mas não é melhor do que já tive antes. Só tenho a sensação de que é porque ando muito tensa. Ou mesmo que fosse o melhor que já tive, isso não quer dizer nada. Só vem comprovar a minha teoria de que os *atletas são bons amantes*. Genica. Dedos e línguas maravilhosos. Uma pila que podia servir de modelo para as versões grandes de uma *sex shop*.

Procuro a minha camisola e o casaco. Visto-os, sem sequer me preocupar por, provavelmente, estarem do avesso. Preciso de sair desta carrinha e entrar no meu carro.

— Estou pronta — anuncio. — O meu carro está a uns metros daqui.

As suas belas feições tornam-se suaves.

— Pareces um pouco abalada.

Remexo-me de forma agitada, mas a expressão dele revela apenas preocupação.

— Estou bem — asseguro-lhe.

O Tucker endireita as costas e tira o preservativo, dando-lhe depois um nó e deitando-o sobre uma pilha de guardanapos. Roda as chaves e liga a carrinha.

— Para onde?

Deixo escapar um suspiro de alívio.

— Para Forest. Big Victorian.

# ELA SABE BEM O QUE QUER, MAS QUALQUER PLANO PODE MUDAR A MEIO DO JOGO

Sabrina James tem uma meta bem definida: vai acabar o curso, candidatar-se a uma especialização na Faculdade de Direito de Harvard e conseguir um emprego numa empresa de topo. Ao longo da vida, habituou-se a trabalhar arduamente e está decidida a escapar à sua vida de pobreza e ao desagradável padrasto. O que não estava nos seus planos era uma noite apaixonada e intensa com John Tucker, um jogador de hóquei no gelo tão sensual como carinhoso, e menos ainda apaixonar-se por ele.

Tucker planeia regressar à sua cidade natal assim que terminar a faculdade, para criar o seu próprio negócio e ajudar a mãe, mas também ele é apanhado desprevenido depois de conhecer Sabrina. Aquela rapariga inteligente, bonita e decidida não lhe sai da cabeça, por mais que ela lhe diga que não quer uma relação.

As coisas tornam-se ainda mais complicadas quando a vida de Sabrina dá uma volta inesperada. De repente, tudo aquilo por que trabalhou parece prestes a desmoronar-se. Apesar de Tucker estar disposto a apoiá-la em tudo, Sabrina está determinada a desenvencilhar-se sozinha, como sempre se viu obrigada a fazer. Mas ambos terão de perceber que os objetivos podem mudar e que algumas metas só podem ser alcançadas em conjunto.

NÃO PERCA,  
DA MESMA  
SÉRIE:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)

@topseller.suma

penguinlivros

ISBN 9789897873034



9 789897 873034 >